

EM ALGUM
LUGAR ALÉM
DO MAR

Outros livros de TJ Klune
publicados pela Morro Branco

Série Green Creek

Wolfsong: O Chamado

Ravensong: Os Laços

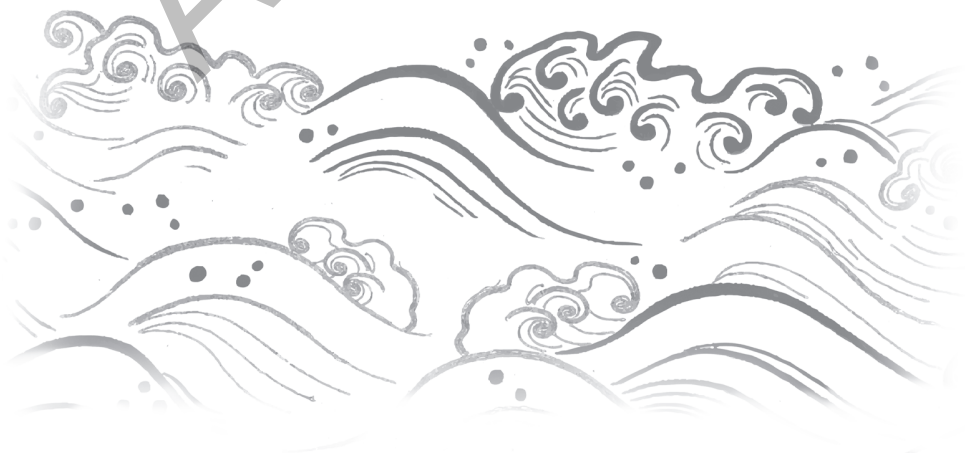
As Crônicas Cerúleas

A Casa no Mar Cerúleo

Livros únicos

Além da Porta Sussurrante

A Vida Entre Marionetes



TJ KLUNE

EM ALGUM LUGAR ALÉM DO MAR

Tradução
Paulo Henrique de Aragão



MORROBRANCO
EDITORA

EM ALGUM LUGAR ALÉM DO MAR

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 TJ Klune

Publicado em comum acordo com o autor e The Knight Agency, através de Yañez, parte da International Editors' Co. S.L. Literary Agency.

ISBN: 978-65-6099-073-9

Translated from original Somewhere Beyond the Sea Copyright © 2024 TJ Klune ISBN 9781250881205. Published by Tor Publishing Group. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

K63e

1.ed. Klune, TJ

Em algum lugar além do mar / TJ Klune ; tradução Paulo Henrique de Aragão. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.

416 p. ; 14 x 21 cm. - (A sequência de A casa no mar Cerúleo ; 2)

Título original: Somewhere beyond the sea.

ISBN 978-65-6099-073-9

1. Ficção de fantasia. 2. Ficção norte-americana. 3. LGBTQIA+ - Siglas. I. Aragão, Paulo Henrique de. II. Título. III. Série.

02-2025/13 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyssabelle Trajano
Produtor Editorial: Marlon Souza
Tradução: Paulo Henrique de Aragão
Copidesque: Ellen Andrade
Revisão: Louise Branquinho
Diagramação: Natalia Curupana
Capa: Red Nose Studio



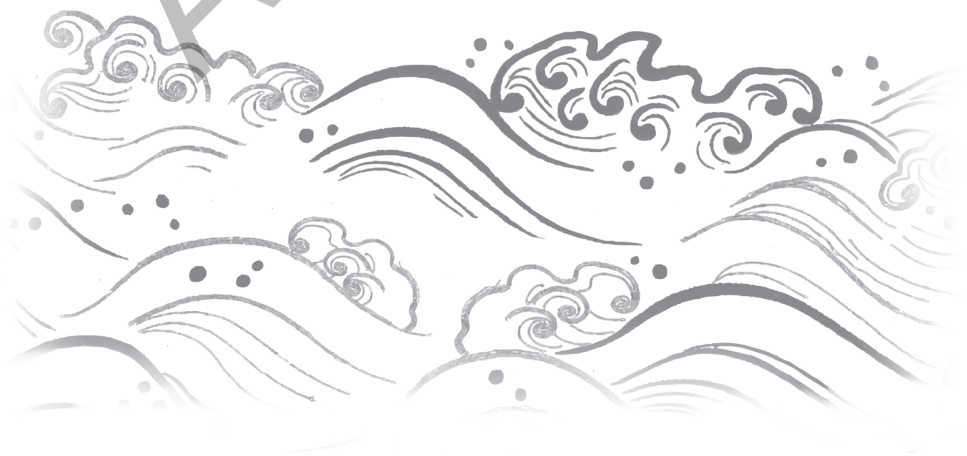
Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



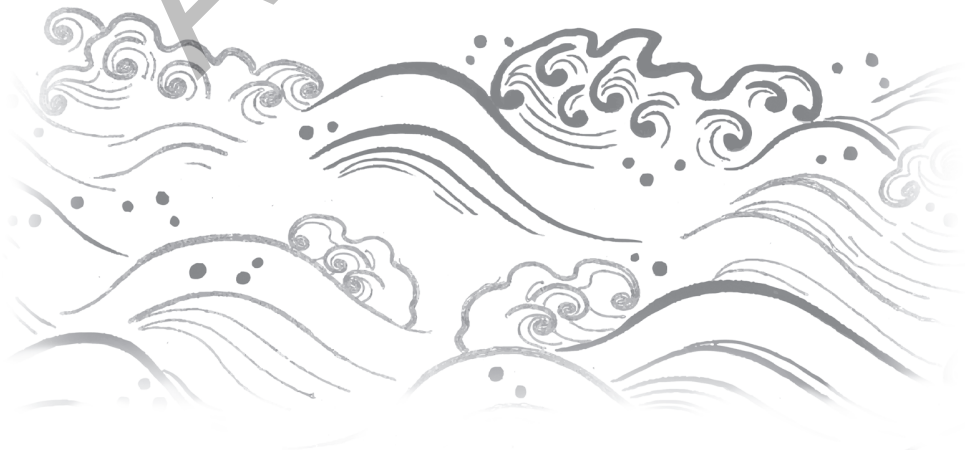
Para a comunidade trans ao redor do mundo:

Eu vejo, ouço e amo vocês.

Esta história é para vocês.

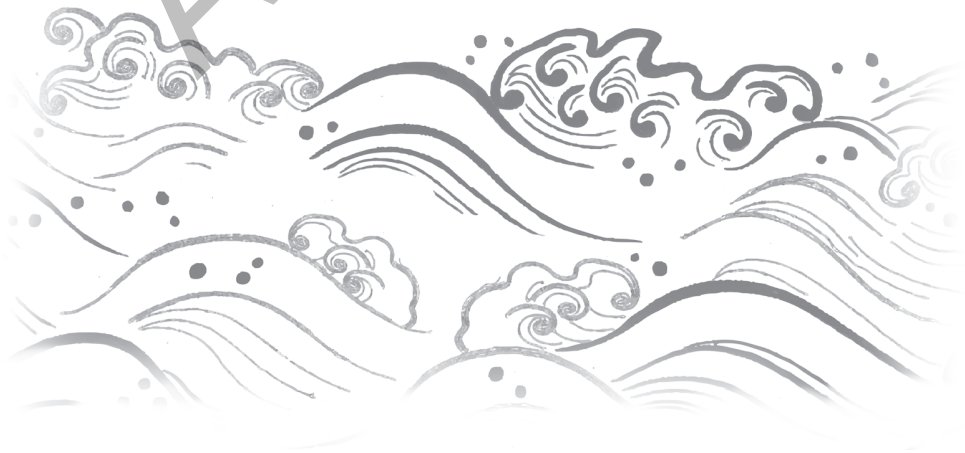


AMOSTRA



“Estamos em uma encruzilhada. O propósito desta audiência — e de qualquer outra que possa se seguir — é determinar quais mudanças, se houver, devem ser realizadas nas atuais REGRAS E REGULAMENTOS que governam a comunidade mágica. Como noticiado ad nauseam pela imprensa, os Departamentos Encarregados da Juventude Mágica e dos Adultos Mágicos recentemente têm sido alvo de intenso escrutínio. Com a dissolução do Altíssimo Escalão, os departamentos estão sem liderança efetiva.”

AMOSTRA





Ao desembarcar da balsa e pisar na ilha pela primeira vez em décadas, Arthur Parnassus pensou que romperia em chamas naquele exato momento. Isso não aconteceu, mas foi por pouco: o fogo que ardia nele parecia mais brilhante do que em anos. Arthur ansiava por rasgar sua pele e abrir suas asas, voar para o céu e sentir o familiar vento salgado em suas penas. Porém sabia que, se o fizesse, as chances seriam de que voasse para longe, deixando esse lugar para sempre. E não faria isso. Ele havia retornado por uma razão.

O dono da balsa — um sujeito rabugento com o rosto marcado, macacão manchado e o nome encantador de Merle — gritou do gradil a três metros de altura.

— É bom que tenha certeza disso. Depois que eu for embora, você estará preso aqui. Não venho para cá à noite.

Arthur não olhou para o balseiro, paralisado como estava pela estrada de terra que se alongava à sua frente, serpenteando em direção a uma floresta tão densa que o sol do meio-dia mal alcançava o musgo e as folhas que cobriam o chão. O som do mar batendo nas praias de areia branca encheu seus ouvidos, trazendo recordações de sua juventude: recordações boas, ruins, de todo tipo.

— Obrigado, Merle. Sua ajuda se mostrou inestimável. — Arthur olhou de volta para a balsa. — Acho que ficarei bem. Se eu precisar voltar ao continente, chamo você.

— Como? Não há telefones na ilha. Nem eletricidade. Nem água.

— Isso vai mudar. Os serviços públicos estão agendados para vir amanhã de manhã, às dez em ponto. Você vai trazê-los, não vai?

O balseiro fez uma careta, mas Arthur viu um brilho ganancioso passar em seus olhos.

— As taxas são flutuantes — disse Merle, com uma fungada arrogante. — A gasolina não está barata, e ficar trazendo e levando gente...

— Claro — falou Arthur. — Você merece ser recompensado de maneira apropriada pelo seu tempo.

Merle piscou.

— É, bom. Suponho que sim. — Ele olhou para as duas malas que ladeavam Arthur. Uma velha e outra nova. — Por que veio para cá?

Quase nenhuma nuvem no céu. O azul acima combinava com o azul abaixo. Era o fim quente do verão, embora Arthur estivesse sempre aquecido. O sal no ar fez cócegas em seu nariz, e ele inspirou até encher seus pulmões.

— Por que não?

— Este lugar é horrível — respondeu Merle, com um arrepio. — Mal-assombrado, dizem. Ninguém mora aqui. Não há bastante tempo. — Ele cuspiu por cima do gradil. — E quando moravam, não devíamos falar a respeito. Bico fechado, sabe?

— Sei — murmurou Arthur. Então, elevando a voz: — Merle... Por acaso, você conhece um homem chamado Melvin, não conhece?

— O quê? Como você... Meu pai.

— Foi o que pensei — disse Arthur.

Ouroboros. Uma serpente comendo o próprio rabo em um ciclo infinito. Talvez isso tenha sido um erro. A vila de onde eles vieram, do outro lado do mar, parecia a mesma de anos antes, com prédios em tons pastéis de rosa, amarelo e verde, pessoas em trajes de verão, sem nenhuma preocupação no mundo, seguras... e por que não estariam? Eram humanas. O mundo foi construído para elas.

A balsa era a mesma, embora algumas melhorias tivessem sido feitas ao longo dos anos: uma nova camada de tinta, novos assentos para substituir os rachados e quebrados. Nem mesmo Merle trazia uma sensação de dissonância, parecendo-se tanto com Melvin, boca virada para baixo, olhos vazios. Era a mesma coisa. Tudo a mesma coisa. Exceto por Arthur.

— Eu o encontrei uma vez.

E a *você também*, ele quase acrescentou, lembrando-se do adulescente carrancudo que se esgueirava pela balsa com um esfregão.

Merle grunhiu.

— Está morto. Faz dez anos.

— Sinto muito.

Merle acenou, despedindo-se.

— Como o conheceu?

Arthur sorriu.

— Manterei contato.

Com isso, pegou as duas malas e endireitou os ombros. Ele estava ali. Finalmente. Era hora de ver se o balanço do mar o havia ensinado a nadar e torcer para que esse esforço não fosse em vão.

— Sua gentileza será lembrada. Vou indo! Até logo, meu bom homem.



A estrada de terra serpenteava pela floresta cada vez mais densa, com o sol projetando sombras que tremeluziam com a brisa. Ele não estava suando, não ainda, mas a estrada se mostrou mais longa do que ele se lembrava. Loucuras da juventude, pensou consigo mesmo. Energia ilimitada, onde dois quilômetros poderiam muito bem ter sido oito ou nove. Próximo dos quarenta, Arthur estava em forma, mas os dias em que conseguia correr sem parar já tinham acabado havia bastante tempo.

Ele dobrou uma curva e parou. Árvores bloqueavam o caminho.

Cinco no total, bem no meio da estrada, com os troncos tão próximos entre si que a passagem era impossível. Estendiam-se em direção ao céu, elevando-se sobre ele, parecendo muito mais velhas do que deveriam — cem anos, se não mais. Mas não podiam ser. Da última vez que Arthur havia andado por essa estrada, elas não estavam ali, nem mesmo como mudas.

O que significava outra coisa. Ou melhor, outra *pessoa*. Não as árvores em si, é claro; não, ele estava sendo observado.

Ele colocou suas malas no chão e se aproximou da árvore do meio. A casca estava rachada, raspando contra sua pele, quando passou a mão.

— Você está aí? — perguntou. — Tem que estar. Isto é obra sua, imagino.

A única resposta veio na forma de um canto de pássaro.

— Você me conhece — prosseguiu Arthur. — Ou quem eu costumava ser. — Ele riu, embora aquilo não fosse engraçado. — Voltei a este lugar na esperança de torná-lo mais do que era. — Fechando os olhos, encostou sua testa no tronco. — E farei isso sozinho se precisar, mas não sem sua permissão.

Abriu os olhos quando o tronco começou a vibrar. Afastando-se devagar, Arthur viu as árvores no caminho tremerem com um rumor abafado, as raízes irrompendo da terra como tentáculos. Deslizaram pelo chão, enrolando-se nas árvores fora da estrada. A madeira rangeu enquanto as raízes se apertavam, puxando as árvores para o lado e abrindo espaço.

Apenas a árvore do meio permaneceu. Ela estremeceu, seus galhos chacoalharam, folhas balançaram. Arthur não recuou quando um galho fino acariciou sua bochecha, com uma folha verde fazendo cócegas na lateral de seu nariz. Ele ouviu um sussurro:

— *O garoto. O garoto do fogo voltou para casa.*

— Sim — sussurrou em resposta. — Eu voltei.

A árvore se retorceu, fazendo a estrada de terra rachar e partir. As raízes se ergueram do chão e Arthur sorriu quando elas agiram como pés, levando a árvore para a lateral da estrada. Quando encontrou um lugar adequado, as raízes afundaram-se novamente no solo. À sua frente, a terra voltava a preencher as crateras. Um momento depois, a estrada à frente estava tão lisa quanto a estrada atrás.

— Obrigado — disse Arthur, com uma leve reverência. — Se e quando estiver pronta, estarei aqui.

Ele pegou a bagagem e seguiu seu caminho.



O momento em que saiu da floresta e viu a casa pela primeira vez em vinte e oito anos não foi nada extraordinário. Construída sobre um penhasco irregular, ela se erguia, iluminada pelo sol. Havia uma fonte de cimento vazia na frente, com a base manchada de mofo verde e preto. A alvenaria estava em mau estado, rachada e quebrada, com pedaços caídos, meio enterrados na grama. Janelas estilhaçadas com molduras brancas cercadas por uma hera que cobria metade da fachada. A torre — que se erguia a seis metros do topo da casa — parecia que cairia na menor cutucada. Próximo

à casa, um jardim abandonado coberto por flores douradas, vermelhas e cor-de-rosa, tomando o gazebo onde, aos nove anos, um garoto com fogo no sangue havia marcado suas iniciais no tijolo, para provar que existia: AFP. Arthur Franklin Parnassus.

Afastado da casa havia um segundo prédio, que ele nunca tinha visto. Não estava ali no momento em que partira quando criança, exclamando contra a luz brilhante do sol, após ter sido trancado nas trevas por tanto tempo, logo que um braço forte o envolvera, guiando-o escada acima e para fora, em direção a um veículo que o aguardava. Este outro prédio era pequeno, construído de tijolos semelhantes aos da casa com a qual repetidamente sonhava. Ele sabia que o chamado orfanato havia mudado de donos uma ou duas vezes ao longo dos anos, mas até onde sabia, ninguém morava ali há algum tempo. A casa de hóspedes (era o que parecia ser, pelo menos) serviria por enquanto. As janelas estavam intactas e o telhado parecia em melhores condições do que o da casa principal, onde algumas telhas tinham sido arrancadas pelas tempestades.

Deixou a bagagem perto dos degraus da varanda, movendo-se como em um sonho. O caminho através do jardim era difícil de percorrer, invadido pelas plantas e arbustos grossos. Ele passou pelo gazebo, abrindo espaço através do jardim selvagem. O caminho contornava a casa, da lateral até os fundos, e ali, na base da casa, havia um par de portas duplas de madeira que levavam ao subsolo, com manchas pretas queimadas sobre elas. As portas estavam seladas com um cadeado enferrujado. Arthur tinha a chave. Tinha todas as chaves.

Ele não entrou. Sabia o que havia lá embaixo. Marcas arranhadas nas paredes. Pedras enegrecidas depois que as queimara. Escuridão perpétua, apesar de seu fogo.

Um fantasma, então, surgiu atrás dele, envolvendo um braço em volta de sua garganta, mantendo-o refém. “*Você mereceu*”, rosnou em seu ouvido. “*Você aprenderá qual seu lugar, guarde minhas palavras, menino. Diga. O que você é? Diga.*”

— Uma aberração — disse Arthur, com a voz apagada, enquanto o braço desaparecia.

Ele encarou as portas de madeira do porão enquanto o sol deslizava pelo céu.



Ele não conseguia fazer isso. Não sabia por que havia pensado que conseguiria. Era demais. Tudo aquilo. Arthur passou a mão pelo cabelo enquanto voltava para a frente da casa. Sua bagagem estava onde a havia deixado. Ele se inclinou, mãos sobre as alças das malas.

Uma voz disse:

— *Arthur.*

Alta e clara, como se alguém estivesse na varanda bem à sua frente.

Ele ergueu a cabeça. Estava sozinho.

Exceto que isso não era bem verdade. Porque notou algo que não vira ao chegar: uma pequenina flor amarela crescendo através da madeira empenada do primeiro degrau da varanda. Mal tinha o tamanho de uma unha, mas havia persistido, atravessando a madeira até alcançar a luz do sol.

Ele caminhou lentamente em direção à flor. Alcançando a varanda, se agachou, gentilmente tocando as pétalas amarelas, sentindo o calor solar nas pontas dos dedos. Renascimento. Perseverança. Cor. Vida. Tudo o que importa, nos menores frascos.

Ele sorriu e, pela primeira vez em muito tempo, sentiu algo se acertar em seu peito.

— Bem... — disse Arthur. — Se você consegue, suponho que eu também consiga.



O verão deu lugar ao outono, as folhas mudaram e o ar não estava mais tão quente. Arthur estava na varanda, lixando os corrimãos para poder repintá-los. Estava pensando em pintar de branco, para combinar com os peitoris das janelas que já havia reformado. Merle provou ser uma espécie de trunfo — que reclamava de todos os materiais que Arthur trazia para a ilha semanalmente. Para ser justo, suas reclamações cessavam ao receber o pagamento. Ele até ajudou, sem muito entusiasmo, a carregar os suprimentos até a parte de trás de uma perua marrom que Arthur comprara semanas antes.

Arthur estava quase terminando de lixar o último corrimão, e era hora de verificar o rejunte entre os azulejos da cozinha para ter certeza de que secava corretamente. Estava prestes a entrar de volta na casa quando algo palpitou no fundo de sua mente, como

um toque suave de asas de borboleta contra a pele. Ele olhou para a estrada.

Havia uma mulher lá, usando um vestido branco longo e esvoaçante, com os pés descalços. Sua cabeça estava inclinada, seu cabelo afro branco parecia uma nuvem. No penteado, flores brancas e cor-de-rosa, abrindo e fechando sob o sol da tarde. Sua pele era de um belo tom marrom profundo. Ela parecia atemporal, com o rosto jovem em contraste com seus olhos escuros, antigos e incertos.

Suas asas — quatro apêndices em suas costas, cada um mais longo que os braços de Arthur — tremulavam levemente, translúcidas, com a luz do sol brilhando através delas, levando uma cascata de cores até o chão. Seus braços nus descansavam ao lado do corpo, seus dedos delicados se agitavam levemente.

Arthur desceu devagar os degraus. Parou após o último, mais nervoso do que esperava. Não estava certo do que dizer, ou por onde começar.

A mulher deu uma olhada por cima do ombro dele, para a casa, antes de olhá-lo outra vez.

— Você está aqui.

Ela soava como Arthur se lembrava, suave, melódica, com um toque de tristeza.

— Estou.

— Por quê?

— Porque é a coisa certa a se fazer — respondeu ele, simplesmente.

Ela assentiu, como se fosse a resposta que achava que receberia. Deu um passo em direção a ele e, sob seus pés, a grama brotou através da terra. Atrás dela, Arthur podia ver outras pegadas gramadas, mostrando seu caminho na estrada.

— Esta casa... — disse ela. — Este lugar. Deveria ter queimado.

— Deveria.

— E ainda assim, você está aqui.

Ele sorriu, tranquilo.

— Aqui estou. E aqui está você. Juntos de novo.

Ela balançou a cabeça.

— Como tem forças para estar aqui? Como pode sequer pensar em... — Ela suspirou, suas asas baixaram. — Eu pensei em destruir tudo. Depois... depois que vocês todos se foram. Pensei em vir